

[delas.pt](https://www.delas.pt)

"Partilhar a minha violação levou outras pessoas a fazer o mesmo"

por *Florabela Lourenço*

12-16 minutes

Vítima de violação em 1999, Claire McFarlane, atualmente com 39 anos, usou a sua experiência para criar um **movimento de combate à violência sexual: *Footsteps To Inspire***. Promover o debate e apoiar os sobreviventes vítimas deste tipo de abusos, em todo o mundo, são os objetivos do projeto **nascido em julho de 2016**, quando a australiana de origem sul-africana, partiu de Bloubergstrand, na África do Sul, em direção ao segundo destino, Austrália.

Claire McFarlane **pretende correr 3.500 quilómetros de praia, num total de 230 países**. Até agora percorreu 33 países (veja alguns na galeria acima) e **este domingo, 18 de fevereiro, é em Portugal que se corre**. O encontro está marcado para às 9h, na praia do Baleal, em Peniche, não sendo necessário inscrição ou qualquer pagamento para participar.

Claire chegou a Portugal esta semana. Ficou por Lisboa uns dias, aproveitou para passear pelo bairro de Alfama e falou com o Delas.pt . Além de falar do projeto *Footsteps To Inspire*, abordou temas como a justiça, o assédio sexual e afirmou faltar à Europa falar sobre violência sexual.

Dia 16 de fevereiro, ainda antes de ir para Peniche, **marcou presença num encontro com algumas organizações portuguesas**: Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres e Associação de Mulheres Contra a Violência.



Claire McFarlane a correr na praia. [Fotografia: Facebook Footsteps To Inspire]

Como surgiu a iniciativa *Footsteps To Inspire*, a ideia de aliar as corridas ao combate à violência sexual?

O propósito é utilizar o desporto para dialogar sobre a violência sexual, uma vez que este é um tema complicado de se falar.

Apercebi-me que através do desporto, neste caso, da corrida, as pessoas se sentiam mais confortáveis em fazê-lo. Surgiu então a ideia de correr nas praias dos países de todo o mundo. Agora está a crescer e a tornar-se um movimento. Eu acabei de vir do lado Este de África e lá é muito complicado para as pessoas falarem

sobre violência sexual, mas quando fui correr houve imenso apoio e as mulheres diziam: 'Oh podemos ter uma voz através da corrida na praia, não é uma manifestação'.

A corrida já fazia parte da sua vida?

Sempre gostei muito de desporto, mas a corrida começou por ser uma forma de desanuviar a cabeça. Fui violada em França, quando tinha 21 anos, fui quase assassinada. Só dez anos depois é que apanharam o homem, através do ADN, e após três anos é que ele foi levado a tribunal. Nessa altura fui forçada pelo sistema legal francês a reviver o que aconteceu e isso foi muito difícil para mim. Uma vítima tem que pagar para pôr alguém na cadeia. A mim custou-me mais de 25 mil euros, foram todas as minhas poupanças. Mas tive que o fazer, por mim. Não teve um final feliz, mas ele foi preso. O sistema não nos trata muito bem. Já tinha a minha vida e estava a tentar vivê-la da melhor maneira quando comecei a sentir-me muito em baixo. Então tive que encontrar um equilíbrio. Comecei a correr depois de um dia de trabalho. Ia correr para casa para esvaziar a cabeça e apercebi-me que a corrida me estava a ajudar a curar, que me fazia sentir melhor. E foi aí que comecei a pensar que a corrida era capaz de curar. Mas correr 16 quilómetros na praia ainda é difícil para mim, não sou uma atleta profissional.

A praia é um dos sítios com o piso mais difícil de correr, porque os pés enterram-se na areia. Porque escolheu correr na praia?

Sim, é verdade é mais difícil, mas eu adoro a praia. E gosto quando os pés estão em contacto com a terra. Existe uma energia bastante positiva que vem da praia, das ondas. É um sítio onde as

peessoas vêm e onde se sentem felizes e relaxadas. Já corri nas praias da Austrália, África do Sul, Espanha. Há dois anos atrás, estava em Peniche, Baleal, para fazer surf e fui fazer uma corrida na praia. Pensei que correr na praia é correr na praia, mas que cada praia é diferente e cada país é diferente. Então: “Como será correr nas praias de todos os países do mundo?”, agora estou a fazê-lo!

Porquê correr 16 quilómetros e não 15 ou 17?

É simbólico. Desde o dia em que fui violada até tudo ficar resolvido passaram-se 16 anos. Quando sabia que tinha de escolher a distância decidi então escolher simbolicamente – um quilómetro por cada ano.

“Quando uma mulher diz que foi violada, as pessoas perguntam: ‘O que tinhas vestido? Por onde é que andavas? Bebeste?’ e se a mulher responde ‘Sim’ a qualquer uma destas perguntas as pessoas vão dizer ‘Ahhhh, então estavas a pedilas’, como se a culpa fosse dela e nunca é”

Tornar a sua história pública também foi uma forma de ultrapassar?

Sim. Apercebi-me que se mantiveres tudo dentro de ti, não te curas, o que acaba por afetar a tua vida. Eu pensava que estava bem, mas agora, olhando para trás, vejo que ainda há muitos danos. Ser forçada a falar sobre o que me aconteceu foi difícil, mas foi importante para me curar. Não há nada para ter vergonha ou sentir culpa. Em 2014 estava a viver na Austrália, onde tenho uma amiga jornalista e ela escreveu sobre a minha história num jornal, tornando o caso acessível a toda a gente. Depois disso muitos

sobreviventes de violência sexual escreveram-me a contar as suas histórias, muitos deles pela primeira vez. Foi aí que percebi que partilhar a minha violação dá coragem a outras pessoas para fazer o mesmo. Tive mulheres e homens a escreveram-me de todo o mundo, tanto heterossexuais como pessoas que fazem parte da LGBT, o que mostra que não há estereótipos. Eu não fazia ideia que havia homens vítimas de violência sexual, muitos em criança.

Mas nem todas as vítimas de violência sexual o fazem.

Sim e acho que é por terem medo de serem julgadas, criticadas ou consideradas culpadas. Quando uma mulher diz que foi violada, as pessoas perguntam: “O que tinhas vestido? Por onde é que andavas? Bebeste?” e se a mulher responde “Sim” a qualquer uma destas perguntas as pessoas vão dizer “Ahhhh, então estavas a pedi-las”, como se a culpa fosse dela e nunca é. Nada disto é sobre sexo, é sim sobre poder e poder abusivo. Portanto não interessa o que se tem vestido, por onde se anda ou se a mulher bebeu ou não, se alguém quiser magoar ou abusar vai fazê-lo. A violência sexual é igual em todo o lado, em Nicarágua, por exemplo, temos a ideia de que é pior, porque se fala sobre o assunto nesses países, enquanto aqui na Europa, ninguém fala disso, não denunciam, e esse é que é o problema.

“Estive em Espanha há uns dias, precisamente com a *Footsteps To Inspire* e as organizações não quiseram falar comigo. Inclusive a LGBT de Valência disse-me: ‘Isso não é um problema para nós, só acontece às mulheres’”

Sentiu isso?

Sim. Estive em Espanha há uns dias, precisamente com a

Footsteps To Inspire e as organizações não quiseram falar comigo. Tentei entrar em contacto com várias, pois muitas comunidades são afetadas. Inclusive a LGBT de Valência disse-me: “Isso não é um problema para nós, só acontece às mulheres” e eu fiquei: “Uaaau... Não, não acontece apenas às mulheres, acontece a todos e em todo o lado”. Isto só mostra que ainda há um longo caminho a percorrer, existe um silêncio que precisa ser quebrado. Ter estas conversas e trazê-las a público é um sinal de evolução. É importante, porque se escondermos, se não se souber que algo está a acontecer, não se pode resolver. É preciso ouvir e aprender, porque muitas pessoas que cometem crimes sexuais também foram vítimas desses crimes. Temos que ter compaixão, o que é complicado, muito complicado, eu sei, mas por isso é que quanto mais pudermos expor situações destas, mais fácil será encontrar uma solução. É nisso que acredito, mas ainda há um grande caminho a percorrer na sociedade.

E a justiça? Quase 20 anos depois do que lhe aconteceu ainda tem muito para evoluir?

A lei relacionada com violência sexual e com a violação está a mudar. Antes era considerada violação somente se existisse penetração – pénis e vagina –, mas a verdade é que a violação não é só esse ato. Os homens podem ser violados e eles não têm vagina. Alguém pode usar um objeto ou pode forçar alguém a fazer algo. O ato de violar abrange muito mais do que apenas a penetração e ainda bem que as leis estão a mudar, aceitando que diferentes atos sexuais sejam considerados como violação. A melhor lei que já vi foi na Namíbia, na África do sul, onde existe uma lista de todo o tipo de atos sexuais: forçar alguém a ver pornografia, usar objetos, fazer sexo oral, assim como atos

coercivos, onde haja recurso à força física, a ameaças, inclusive ameaças económicas, e o uso de bebidas ou de drogas. Na Europa a lei ainda é muito antiga, não sei sobre Portugal, mas em França e na Suíça a violação continua a ser apenas o ato de penetração. Na Alemanha, em 2016, acho que mudaram a lei, porque até então não era considerado violação a não ser que se provasse que a vítima se tinha tentado defender do atacante. Era preciso apresentar ferimentos que mostrassem que tinha existido luta, de modo a provar que não tinha sido consentido, caso contrário a pessoa podia escapar. Mas sabemos que cerca de 75% das violações são cometida por pessoas conhecidas da vítima: um amigo, namorado ou marido. Nesses casos é raro existirem ferimentos físicos, portanto, nunca iriam para tribunal. Outro problema é que em muitos países, a violação num casamento ainda é legal ou é ilegal mas as pessoas não sabem que o é.

“Há uns tempos uma mulher indiana escreveu no Twitter: ‘Não há vítima quando um homem se masturba no comboio’. Claro que há uma vítima, qualquer pessoa que veja é uma vítima”

Então também o assédio pode ser considerado uma forma de violência sexual?

Completamente. O assédio sexual é uma forma de violência sexual, porque se eu não gosto que alguém me toque no rabo quando estou a andar nas ruas, então se alguém o fizer vou sentir-me violada. Por exemplo, em Paris, os homens dizem-te o que é que eles querem que tu lhes faças, com linguagem vulgar e eu não quero ouvir isso. Isso também é uma forma de violência sexual. Há uns tempos uma mulher indiana escreveu no Twitter: “Não há vítima quando um homem se masturba no comboio”. Claro que há

uma vítima, qualquer pessoa que veja é uma vítima. Eles estão a fazer o ato sobre o olhar de alguém. É complicado, porque não podemos controlar tudo, no sentido em que às vezes podemos querer um elogio de um homem. Mas temos que saber distinguir o que é inofensivo daquilo que é mau. Limites, algo de que não falamos muito.

Por isso é que traz a *Footsteps To Inspire* à Europa nos próximos meses. Expectativas para a corrida deste domingo em Peniche, Portugal?

Sei que não vou correr sozinha. Tenho alguns amigos cá e sei que eles vão, mas toda a gente é bem vinda! Ninguém tem que correr 16 quilómetros. Eu corro, mas podem vir e andar e a falar, é bastante informal. O que pretendo é que se torne um evento anual, portanto a ideia é que comunidades por todo o mundo, numa específica data se reúnam e corram para continuar a aumentar o conhecimento e atenção dos sobreviventes. Pode ser em qualquer parte do país, a ideia agora é criar um movimento.

Portugal é o 34º país a receber a iniciativa. Até agora qual foi o país onde se reuniram mais pessoas contra a violência sexual?

Foi um país muito, muito pequeno, no Oceano Pacífico, Papua-Nova Guiné. Uma ilha tribal, muito violenta e onde as mulheres são tratadas muito mal. A violação é um grande problema lá.

Apareceram 200 pessoas para correr comigo, o que é imenso para o sítio que é. Mas foi algo importante para elas que procuram mudanças para melhor e acho que me viram como um meio para ter voz, para se sentirem ouvidas. Esse foi o primeiro país em que me perguntaram: “Podemos fazer isto todos os anos?”.

Percorra a galeria de imagens para ver alguns dos sítios por onde Claire Mc Farlane já passou com o movimento *Footsteps To Inspire*.

[Imagem de destaque: Claire McFarlane]

[Irlanda realiza inquérito nacional sobre abusos sexuais](#)

[Estes modelos masculinos foram vítimas de assédio sexual](#)

Percorra a galeria de imagens acima clicando sobre as setas.